

O licor turco: as controvérsias sobre o consumo de café na Inglaterra do século XVII

Turkish liqueur: controversies about coffee consumption in 17th-century England

Marina Juliana de Oliveira Soares | Faculdade Sesi de Educação – SP

oliveiras.mari@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4326-368X>

RESUMO O objetivo deste artigo é apontar e analisar os argumentos mais recorrentes sobre o consumo de café na Inglaterra seiscentista. Dentre as publicações sobre a bebida, priorizou-se o conjunto de obras escritas por médicos e boticários, ou por autores que abordaram diretamente as propriedades médicas do café em seus textos. Atrrelado à discussão que apontava os benefícios e os inconvenientes do uso desse novo produto na Inglaterra, faz-se necessário dimensionar o espaço ocupado pelas imagens orientalistas, e o quanto tais representações sobre o Levante islâmico interferiram no debate sobre o consumo do café.

Palavras-chave café – Inglaterra – século XVII – Levante islâmico – imagens orientalistas.

ABSTRACT *The aim of this paper is to delineate and to analyze the most recurring arguments about coffee consumption in the seventeenth-century England. Among the publications on the drink, priority was given to the set of texts written by doctors and apothecaries, or by authors who directly discussed the medical properties of coffee in their books. In addition to the discussion that pointed out the benefits and disadvantages of using this new product in England, it is necessary to evaluate the space occupied by orientalist images, and how such representations of the Islamic East impacted the debate on coffee consumption.*

Keywords *coffee – England – seventeenth century – Islamic East – orientalist images.*

Introdução

A chegada do café na Inglaterra no século XVII, com a gradual abertura de locais dedicados ao seu consumo, revelou-se um tema controverso. Além de uma possível ligação entre as casas de café e as agitações políticas do período da Restauração (Ellis, 2004, p. 1), outro desdobramento referente ao emprego do café devia-se às suas propriedades medicinais.¹ Para investigar mais detidamente o teor das recomendações e das oposições sobre o café em terapias curativas, proponho o percurso pelas publicações que tiveram lugar na Inglaterra nesse período. Para tanto, serão consideradas as obras dos primeiros viajantes ingleses que estiveram em regiões orientais, e que mencionaram o café em seus textos; além das posições de médicos e boticários sobre a nova bebida; e de dois panfletos publicados nesse cenário. Por fim, mas não menos importante, o consumo do café trazia à tona o tema do Oriente islâmico e das imagens que os europeus construíam sobre essa região, seu povo e seus costumes. Portanto, é necessário examinar as possíveis imagens orientalistas construídas ao longo desse processo.

A introdução do café na Grã-Bretanha e a ampliação de seu consumo estavam intimamente relacionadas ao crescimento comercial que se testemunhava em Londres e à “cultura da curiosidade” empreendida pelos chamados *virtuosos*.² Como lembra Brian Cowan, o conhecimento sobre sociedades estrangeiras era o ponto central dessa cultura virtuosa, e sua grande fonte de inspiração eram os escritos de Francis Bacon (1561-1626). Na visão desse pensador – em especial, ao final de sua vida –, uma abrangente história natural implicava a coleta de observações sobre “produtos e funcionamento do mundo natural”, o que compreendia extenso conhecimento sobre as culturas estrangeiras (Cowan, 2005, p. 21). No texto *Sylva sylvarum*, de 1627, Bacon afirmava que na Turquia havia uma “bebida chamada café”, que se consumia em casas de café, assemelhadas por ele às tavernas inglesas. Na sua classificação, o fruto era descrito como uma droga que “condensa e alivia os espíritos” (Bacon, 1670, p. 155), ao lado do bétete, do tabaco e do ópio.

As fontes de conhecimento de Francis Bacon sobre o café tinham provável origem nos pareceres do médico William Harvey (1578-1657) e nos saberes de seus irmãos, que prestavam serviços para a *Levant Company*. Sobre isso, Harvey registrara que havia curado Bacon de uma crise causada por pedras na vesícula biliar, cuja terapia englobava possivelmente o café, uma vez que o seu pó, associado à “manteiga, óleo e mel, era considerado um bom tratamento” contra diversos males gastrointestinais, incluindo cólica na vesícula biliar (Mirkovic, 2005, p. 31).

Embora faltasse a Bacon a experiência empírica nas regiões orientais, os testemunhos dos que viajavam para essas terras contribuíam para ampliar os debates sobre o café. A primeira menção a esse fruto é aquela grafada numa carta do clérigo William Biddulph (fl.1600-1612), em sua passagem por Alepo, em 1600. A bebida nomeada “Coffa” era descrita pelo viajante mais como benéfica do que saborosa, uma vez que tinha a propriedade de afastar a sonolência (1609, p. 66). Já nesse texto, Biddulph comparava o café ao ópio, indicando que o uso da bebida fazia com que os turcos “tivessem visões” e ouvissem “revelações” (1609, p. 66).

-
- 1 Para uma discussão sobre o café e suas propriedades medicinais e alimentícias, ver Carneiro (2003, p. 87 e s.), e Martins (2012), em especial o capítulo “Origens”.
 - 2 O termo “virtuoso” tem origem no italiano, e se referia aos indivíduos interessados na promoção das artes e antiguidades no começo do século XVI. A palavra passou a ser usada na Inglaterra por volta do século XVII. Os ingleses que se identificavam com o termo rapidamente expandiram seus interesses sobre a cultura antiga, abarcando “mundos mais amplos” ao redor deles. Sobre isso, ver Cowan (2005, p. 10-11).

O pouco apreço pelo café – que também poderia ser reflexo da visão negativa de Biddulph acerca das sociedades islâmicas –, seria dissipado nas décadas seguintes. Em 1634, o advogado inglês Henry Blount (1602-1682) chegava ao Império Otomano, onde viveria a experiência de conhecer esse fruto. Blount afirmava que o café (*Cauphe*) deveria ser seco na fornalha e transformado em pó antes de ser preparado com água quente. A bebida era consumida em qualquer hora do dia, mas em particular pela manhã e à tarde, momento em que os encontros nas casas de café se estendiam por duas ou três horas. Blount também assinalava algumas propriedades medicinais do café: “seca maus humores no estômago, conforta o cérebro, nunca causa embriaguez, ou qualquer outro excesso, e é um entretenimento inofensivo do bom companheirismo” (Blount, 1636, p. 105).

O fato de Blount colocar em xeque muitos relatos de viagem, afirmando que eles eram “em grande parte falsos”, e ressaltar a importância do testemunho ocular para uma melhor compreensão da sociedade islâmica, abriu espaço para uma visão mais receptiva sobre os turcos. Essa disposição maior em conhecer a sociedade oriental, aliada à sua simpatia pelas experiências vividas em sua viagem, contribuiu para que Blount se tornasse um personagem importante na introdução do café na Inglaterra. Em seu retorno ao país, ele passou a defender o consumo da bebida, e a frequentar habitualmente as primeiras casas de café. Possivelmente com algum exagero, o escritor e filósofo John Aubrey (1626-1697) registrou que Henry Blount “não bebia nada além de água e café” (Cowan, 2005, p. 19). Foi esse gosto pela bebida quente que levaria Blount a ficar conhecido como o “pai da cafeteria inglesa” (Pierce, 2015, p. 143).

Além de ser um espaço para conversas e trocas de informações sobre as últimas notícias e sobre livros publicados, as casas de café eram também ambientes propícios à divulgação de relatos sobre viagens empreendidas a terras estrangeiras. Foi nesse espaço que o oficial inglês Samuel Pepys (1633-1703) assegurou ter encontrado o viajante Henry Blount. Na casa de café *Cornhill*, Pepys afirmou ter ouvido histórias contadas por Blount acerca de sua viagem para o Levante islâmico.³ Portanto, além de ser um ambiente importante na criação da “esfera pública”, uma vez que era frequentado por estratos mais amplos da sociedade, como “artesãos e comerciantes” (Habermas, 1991, p. 32), os cafés se constituíam em locais de disseminação de saberes sobre as sociedades estrangeiras, tópico caro à “cultura virtuosa” (Cowan, 2005, p. 108).

Disputas sobre as propriedades medicinais do café

A casa de café *Cornhill* foi a primeira aberta em Londres, em 1652, por um “ortodoxo grego chamado Pasqua Rosée” (Ellis, 2008, p. 157). Contudo, foi Oxford a primeira cidade britânica a ter abrigado uma casa de café. Aberto em 1650, por um judeu de nome Jacob, o espaço ganharia a preferência dos acadêmicos. Antes dessa data, o café era uma bebida de difícil acesso, valorizada mais pelas “propriedades medicinais do que por seu gosto”, como lembra Brian Cowan (2005, p. 25). Não sem razão, antes de se tornar a principal atração das cafeterias, a bebida era um ingrediente presente nas lojas de boticários, que a indicavam como droga contra diversos males. Aqueles que adquiriam conhecimento sobre o preparo do café podiam, então, abrir suas próprias lojas (Unger, 2015, p. 70).

3 O uso de “Levante” se justifica porque este era o termo mais correntemente empregado por autores europeus no século XVII para se referir às regiões islâmicas. Neste momento, a palavra “Oriente” era rara em textos europeus, conforme discuti na minha tese de doutorado, Soares (2017, p. 21-31).

O interesse de médicos e boticários pelo café era, de fato, notório. As discussões acerca dos benefícios ou dos malefícios do café se faziam conhecidas por meio da publicação de textos ou mesmo nas conversas tecidas nas cafeterias. Nesse sentido, o café se transformava num produto “rapidamente assimilado ao fluido e difuso ‘mercado médico’ da Grã-Bretanha do século XVII” (Cowan, 2005, p. 31). Uma vez que o produto era adotado pela sociedade britânica em razão de suas características medicinais e, ao mesmo tempo, era consumido como uma bebida, os esforços se direcionavam no sentido de apontar suas propriedades naturais. Contudo, em termos curativos, posições favoráveis e contrárias se estendiam muito além da mera indicação de princípios médicos. As origens do fruto e seu largo emprego nas sociedades islâmicas também ganhavam peso nesse debate. Vejamos inicialmente as argumentações de caráter médico.

Dentre os primeiros médicos atraídos pelo café, estava William Harvey, que passou a consumir a bebida num momento em que ele precisava importar seus próprios suprimentos do grão, como aqueles de alto custo, que vinham de Veneza (Jacob, 1998, p. 109). A sua adição ao café foi vista por alguns historiadores como uma das possíveis causas para a descoberta do sistema circulatório, uma vez que Harvey observava os efeitos da ingestão do café no movimento sanguíneo (Topik, 2009, p. 83). Os seus irmãos mais jovens, Daniel e Eliab, que foram admitidos como membros da *Levant Company* – em 1611 e 1616 respectivamente –, foram certamente os responsáveis por apresentar a bebida ao médico, já que atuavam na importação do café (Ellis, 2005, p. 23).

Embora não haja texto conhecido de William Harvey sobre os benefícios do café, há publicações sobre o tema escritas por seus pupilos. Uma destas obras é a de Walter Rumsey (1584-1660), advogado educado em Oxford e que também se interessava por estudos sobre medicina. O livro *Organum salutis; or experiments on the virtue of coffee and tobacco* veio a público em 1657. Logo no início do texto, Rumsey colocava uma resposta ao já citado viajante Henry Blount, agradecendo-o por seu “excelente tratado de medicina”. Reportando o uso do café, Rumsey afirmava que os “turcos, persas e a maior parte do mundo oriental” consumiam a bebida pela manhã e à noite. Os benefícios de seu uso se notavam na ausência de doenças pulmonares, de letargias em pessoas idosas e do raquitismo em crianças. Além disso, o café era especialmente recomendado para prevenir “pedras e gota” (Rumsey, 1664, s.p.), e atuava como remédio contra a embriaguez (Clery, 2004, p. 13).

O capelão Edward Pococke (1604-1691), assim como o seu mentor, William Harvey, também se tornara adito ao café. No seu caso, a experiência de consumir a bebida havia se iniciado em Alepo. Em 1636, Pococke seria o primeiro professor de árabe na Universidade de Oxford. O seu interesse e estudos sobre as culturas do Próximo Oriente tiveram a importante parceria de Robert Boyle (1621-1691), a qual foi iniciada com uma colaboração sobre o café. Foi Boyle quem patrocinou Pococke para que traduzisse um texto árabe. Tratava-se de um pequeno ensaio médico de autoria de Da’wud Ibn Antākī, cujo título em inglês é “The nature of the drink kauhi, or coffee”. O texto, publicado em 1659, seria o primeiro tratado europeu a “discutir as origens do café e seus efeitos na saúde” (Ben-Zaken, 2011, p. 111).

Na capa desse trabalho não constava o nome de Pococke. Havia apenas a indicação da origem do texto: “descrito por um médico árabe”. Já na tradução, o inglês apontava os benefícios e também os inconvenientes do uso do café. Em relação aos argumentos favoráveis, afirmava-se que, quando “bem fervido”, o café aliviaria “a ebulição do sangue”, e atuava positivamente “contra a varíola e o sarampo”. Dentre as contra-indicações, defendia-se que a bebida causava

“cefaleia vertiginosa” e poderia gerar melancolia (Ben-Zaken, 2011, p. 164). Embora houvesse esses pontos desfavoráveis, a tradução de Pococke representou um estímulo para outros defensores da bebida. Ainda em 1659, em carta para Boyle, Samuel Hartlib (c.1600-1662) expressou sua animação com a publicação do texto, afirmando que tais informações seriam de interesse para aqueles que bebiam café (Ben-Zaken, 2011, p. 164).

Outro personagem importante nessa discussão foi o médico Thomas Willis (1621-1675), um dos membros fundadores da *Royal Society*.⁴ Willis iniciou sua atuação profissional em Oxford, nas décadas de 1640 e 1650, e é provável que tenha conhecido as propriedades medicinais da bebida nesse meio, como defende Brian Cowan (2005, p. 25). Embora fosse treinado nos preceitos da medicina hipocrático-galênica, então em voga, suas impressões sobre o café assentavam-se na “nova ciência experimental” (Ellis, 2017, p. ix). Desse modo, Willis se mostrou um defensor dos efeitos curativos do café, o que o levou a discordar da classificação da planta dentro do grupo de opiáceos, como fizera Francis Bacon. O médico apontava a ação do café contra o sono, e afirmava que prescrevia frequentemente essa bebida, orientando que seus pacientes visitassem as casas de café antes mesmo das lojas dos boticários (Willis, 1675, p. 425). Willis discorreu sobre as propriedades medicinais do café em duas obras: *Anima brutorum*, de 1672, e *Pharmaceutice rationalis*, publicada originalmente em 1674. Nesta última, o médico dedicou uma seção à bebida, na qual ressaltou os seus benefícios contra “muitas doenças cefálicas e enfermidades”, como grandes dores de cabeça, vertigem, letargia, e catarros” (p. 425).

Ao final do século XVII, seria possível testemunhar a defesa apresentada sobre as vantagens médicas e sociais da bebida dentro da instituição científica inglesa. Na comunicação feita à *Royal Society*, o boticário John Houghton (1645-1705) afirmava que o responsável por introduzir o café na Inglaterra fora um comerciante de Esmirna, chamado Daniel Edwards. Ainda que fosse assim, reconhecia que o médico William Harvey já era à essa época um consumidor habitual da bebida. No pequeno texto, Houghton citava o médico Thomas Willis e “outros homens eruditos” para lembrar uma propriedade correntemente relacionada ao café, isto é, seu caráter anti-hipnótico. O autor não questionava essa alegação, mas afirmava que, com o uso regular, o contrário era “frequentemente observado”. Nesse caso, a explicação se devia ao costume, que poderia alterar “suas qualidades naturais”, assim como ocorria com a utilização do ópio (Houghton, 1699, p. 316).

No entanto, não somente as propriedades médicas seriam ressaltadas pelo boticário. Para ele, além de aumentar o comércio de vários produtos relacionados – como o “tabaco e cachimbos, pratos de barro, artigos de lata, jornais, carvão, velas, açúcar, chá, chocolate” –, o consumo da bebida nas casas de café fomentava também outros aspectos da vida social inglesa. Na sua análise, as cafeterias estimulavam a sociabilidade, aprimorando as artes e outros conhecimentos. Para reforçar seu argumento, Houghton afirmava que um membro da *Royal Society*, que já não fazia parte dessa instituição, defendera que as casas de café “melhoraram muito o conhecimento útil” (Houghton, 1699, p. 317). Por tal defesa, é possível perceber como o café havia conquistado espaço entre os virtuosos ingleses ao final do século XVII.

Nem todos, contudo, estavam convencidos de que as vantagens do café se sobrepujassem aos seus possíveis malefícios. A fim de buscar respostas sobre seus efeitos danosos, um texto

4 A fundação da “Sociedade Real” na Inglaterra se deu em 28 de novembro de 1660, com o objetivo inicial de promover o conhecimento experimental físico-matemático. Dois anos depois, tornou-se “The Royal Society of London” (Martins, 2011, p. 110).

seria preparado pelo médico e membro da *Royal Society*, Jonathan Goddard (c.1617-1675), presumivelmente a pedido do rei. Quando o tema de análise se referia a certa sociedade estrangeira, era corrente que essa instituição científica estabelecesse contato com algum europeu presente em tal país. Desse modo, foi pedido ao “Dr. Harpur, um médico residente em Alepo”, que verificasse se o consumo excessivo de café entre os turcos “poderia levar a ataques apopléticos ou paralisia” (Cowan, 2005, p. 28). A resposta ao questionamento parece ter ficado em aberto, uma vez que o texto de Goddard teria se perdido, e o parecer de Harpur jamais teria sido feito.

Foi outro membro dessa Sociedade quem indicou uma posição. O diplomata Paul Rycout (1629-1700), que ocupava a função de cônsul em Esmirna, escreveu para o secretário dessa instituição, Henry Oldenburg. Em carta datada de 23 de novembro de 1667, Rycout afirmava que o café causava pouco efeito, em especial, naqueles que o consumiam com frequência. Mas alertava que, como a “maioria dos turcos morria com uma dor no estômago”, muitos médicos atribuíam tal quadro à grande quantidade de bebida ingerida por esse povo (Rycout apud Birch, 1756, p. 270).

Como se pode notar nos personagens citados até aqui, a discussão sobre os efeitos do café no corpo – atrelada, por suposto, à experiência de consumo nas cafeterias – era um assunto eminentemente masculino. Como escreveu Emma Clery, “desde o início, o consumo de café foi considerado principalmente uma experiência homosocial” (2004, p. 13). A possível participação feminina nesse debate público é, no mínimo, controversa. Em 1674, um panfleto intitulado “Women’s petition against coffee” seria publicado em Londres. Embora a autoria fosse remetida às senhoras inglesas, há quem defenda que o texto não tenha sido produzido por elas. Steve Pincus levanta a possibilidade de o texto ser mais uma reação da alta cúpula da Igreja do que a manifestação de uma específica ideologia feminina (1995, p. 815). Não é demais lembrar que as cafeterias eram vistas nesse momento como espaços profícuos para fomentar ideias políticas radicais e subversão religiosa (Pierce, 2015, p. 62).

O ponto central do manifesto destacava os possíveis efeitos do café no corpo masculino. Os homens ingleses, outrora estimados, estavam sendo atingidos em seu vigor. Após o uso da bebida, eles não eram mais capazes de cumprir os seus deveres e atender as expectativas das mulheres. A conclusão de tais senhoras havia sido tecida a partir de uma “séria investigação” e de discussões feitas pelos acadêmicos da “Faculdade”, não especificada no panfleto. O responsável por esse “desastre” (*Disaster*) era o café, nomeado de “licor modernoso, abominável, rude” (apud Clery, 2004, p. 18). O resultado é que seus maridos começavam a se assemelhar a eunucos, tornando-se impotentes e infrutíferos. Não se tratava de uma teoria nova. Considerada uma substância quente e seca,⁵ o consumo corrente do café teria a tendência a afetar a fertilidade, uma vez que o temperamento quente e seco era menos afeito à fecundidade, como escrevia o médico escocês-francês Daniel Duncan (Cowan, 2005, p. 41). Edward Pococke, na tradução do texto médico árabe citado anteriormente, também reafirmava essa tese, ao declarar que o café “amolecia a luxúria” (apud Bevilacqua, Pfeifer, 2013, p. 51).

Essa questão, contudo, estava longe de ser um consenso. No mesmo ano da publicação do panfleto supostamente escrito por mulheres, outro texto viria a público: *The men’s answer to*

5 Na teoria médica dos humores aprimorada por Galeno (129-c.216/217), os elementos primários (água, ar, fogo e terra) geravam as qualidades (quente, frio, seco e úmido). Estas, combinadas em pares, determinavam tanto o temperamento dos pacientes (sanguíneo, colérico, melancólico, fleumático), quanto a qualidade constituinte dos alimentos e drogas. Sobre isso, ver Martins, Silva, Mutarelli (2008).

the womens petition against coffee. Abaixo do título, o texto indicava a posição favorável sobre a bebida, apontando as “virtudes deste licor”. A pergunta que se fazia era: por que uma bebida inofensiva e com propriedades de cura havia sido objeto de ira? Contudo, a mensagem principal do panfleto eram menos as propriedades medicinais do café do que seu efeito revigorante. A defesa do panfleto era que o café auxiliava os homens nas “suas benevolências noturnas”, ao secar os “humores flatulentos”. Ademais, a bebida tornava a “ereção mais vigorosa” e a “ejaculação mais plena”, o que atendia aos “ardores e expectativas” das mulheres (1674, s.p.). Portanto, longe de ser um instrumento de emasculação, o ato de beber café era quase uma “escola para as artes amorosas” (Clery, 2004, p. 19).

Esse apontamento sobre os apelos lascivos do café – fossem esses contrários ou favoráveis – estava longe de se limitar ao campo médico. Nos dois panfletos citados, nas publicações inglesas que atacavam a bebida, e nas bases do pensamento europeu desse momento, havia um tema comum e recorrente sobre as regiões de origem e consumo prévio da bebida. O Levante islâmico, com destaque especial para o Império Otomano, era relacionado de muitas maneiras à lassidão dos costumes. E esse tópico não foi esquecido por aqueles que empreendiam as discussões sobre o uso do café.

O consumo de café na Inglaterra e as imagens orientalistas

Como pudemos verificar nas publicações analisadas na seção anterior, a discussão sobre as propriedades medicinais do café e sobre as consequências de seu uso frequente mantinha uma relação próxima com a posição de seus autores acerca do Levante islâmico. Embora não fosse uma regra, é possível encontrar com maior regularidade uma postura favorável à bebida entre aqueles que nutriam maior simpatia pelas sociedades islâmicas. O contrário, por suposto, também é verdadeiro, como se pode notar no viajante William Biddulph e nas autoras – ou autores – do panfleto contra o café. Desse modo, não seria exagero concordar com a afirmação de que “beber café era pensado por alguns como um indício de sua simpatia pró-muçulmanos” (Starkey, 2018, p. 234).

Essa disposição crescente dos europeus em conhecer as culturas orientais pode ser atestada pelo aumento das viagens às regiões islâmicas e pelo incremento nas publicações sobre tais povos. O Império Otomano, em especial, atraía os olhares estrangeiros em razão de sua força política, mas também pelos artigos de luxo ali produzidos, e pelo requinte do palácio de seu governante. A inclinação pela cultura turca ganhou tamanha atenção dos europeus, que receberia o nome de “turqueria” (Meyer, 1974). Contudo, o luxo não era o único ingrediente a fomentar tal curiosidade. A crença na lassidão turca também despertava a mente e as paixões europeias.

Ainda que o século XVIII seja apontado como um período importante das mudanças de comportamento dos europeus em relação aos turcos – momento em que o luxo irrompera em corrupção política e moral –, não há como negar a anterioridade de imagens licenciosas atreladas ao Levante islâmico. A menção às atribuições lascivas das sociedades islâmicas possuía uma longa história dentre os cristãos europeus, cujas origens remetem ao profeta Muḥammad (c.570-632).⁶ Nesse sentido, pode-se pensar que as casas de café nas terras islâmicas, assim como

6 Após a expansão do islamismo e da organização das “Cruzadas”, nota-se uma produção crescente de textos

outros espaços sociais característicos dessa região – vide o *hammām* – seriam relacionadas a tais representações, que não apenas lhes precediam como ajudavam a reforçar a imagem luxuriosa que os europeus nutriam sobre os muçulmanos em geral, e sobre os turcos em particular.

Insinuações sexuais e mesmo práticas libertinas atreladas ao espaço dos cafés já haviam sido apontadas por um viajante europeu no começo do século XVII. O inglês George Sandys (1577-1644), que viajou ao Império Otomano em 1610, afirmava que os donos de cafeterias nessa região mantinham “belos rapazes” como forma de atrair potenciais clientes (1615, p. 66). Possíveis comportamentos inadequados nas cafeterias não eram atribuídos somente às regiões islâmicas. Na Inglaterra, esses “estabelecimentos às vezes eram comparados a bordéis para condutas ilícitas entre homens e mulheres”, e eram vistos por moralistas como “estufas para mulheres de má fama e homens afeminados, envolvidos em comportamentos imorais” (Pierce, 2016, p. 55).

As condutas lascivas atreladas ao consumo do café eram somente uma peça a compor a engrenagem de um sistema de pensamento valorativo sobre os orientais. Ao seu lado, outro componente era muito ressaltado pelos europeus: a religião. O uso do termo “infiéis” para se referir aos muçulmanos não deixaria de ser lembrado nesse cenário. Dentre os argumentos empregados pelos oponentes ao consumo de café, estava a crença de que as cafeterias não eram espaços adequados aos “homens eruditos”, mas aos “infiéis”, epíteto usado para nomear “aqueles que haviam se tornado ‘Turcos’ ao abraçar a novidade otomana” (Pierce, 2016, p. 56).

Estes ataques aos muçulmanos e as objeções ao consumo de café encontravam-se num texto anônimo de 1663, intitulado “*A cup of coffee: or coffee in its colours*”. Seu autor definia o café como uma “simples decocção dos demônios”, cuja extração se dava nos “calores do inferno” (Ellis, 2016, p. 57-58), ideias que lembram o retrato pregresso do islamismo como uma *secta diabolica*, ou seja, uma “degeneração diabólica do cristianismo” que representava Muḥammad – dentre outras imagens – como um agente do demônio (Soykut, 2001, p. 15). Como se pode notar nesses trechos do texto anônimo, a relação entre muçulmanos e forças sobrenaturais malélicas era ressaltada e dava o tom da mensagem principal veiculada, isto é, não se pretendia no texto apresentar possíveis objeções médicas ao uso do café. Nenhuma palavra era escrita a esse respeito. No seu lugar, o café era visto como um “feitiço” dos inimigos turcos, termo usado com frequência pelos autores europeus para nomear os muçulmanos (Ellis, 2016, p. 57).

No já citado panfleto “*Women’s petition against coffee*”, a bebida também era comparada a um sortilégio. Assim como as bruxas que possuem seus encantos, o café, chamado de “feia feiticeira turca” (*ugly Turkish Enchantress*), atraía por meio de seus “fios invisíveis”. Tratava-se de um poder de atração que arrebatava tanto ricos quanto pobres, cujo dinheiro era despendido todas as noites nesta “coisa insípida” (1674, s.p.). O resultado é que o palato dos ingleses estava se tornando tão “fanático” quanto os seus cérebros. Ideia antes veiculada em “*A character of coffee and coffee-houses*”, de 1661, texto de autoria anônima.⁷

Como podemos notar, a disseminação do consumo de café e o surgimento de cafeterias na Inglaterra estavam longe de mobilizar somente argumentos científicos. A região de origem da

cristãos que questionavam a legitimidade do profeta islâmico. Um desses textos é do frade Ramon Martí (morto em 1285), que enxergava na vida sexual de Muḥammad a prova de que ele não era um “verdadeiro profeta”. Sobre isso, ver Tolan (2002, p. 237-239).

7 A afirmação em questão era: “the Palats [palates] of the English were as Fanatical, as their Brain”, apud Pierce (2016, p. 55).

planta, assim como o histórico de representações pejorativas sobre o Levante islâmico, também pesavam nessa discussão pública. Desse modo, faz-se necessário perguntar: até que ponto as imagens lascivas sobre os muçulmanos e o chauvinismo inglês influenciaram negativamente na importação e disseminação desse fruto?

Considerações finais

Ao investigarmos a introdução e o consumo do café na Inglaterra do século XVII, duas questões pareceram de maior importância. A primeira se refere ao modo como os médicos, boticários e outros personagens envolvidos diretamente na arte da cura responderam à presença do novo produto naquela sociedade. E a segunda – derivada desse debate inicial – nos leva ao cenário de valores, representações e comportamentos europeus sobre o Levante islâmico, lugar de origem dessa planta. Considerando que o foco das discussões se concentrava num produto material, e não em uma ideia abstrata, há que se questionar o impacto que o olhar enviesado inglês sobre os muçulmanos teria na adoção dessa mercadoria.

Em termos culturais, vimos que houve toda a sorte de ataques a essa bebida – desde o enfraquecimento da virilidade masculina até o apelo às suas origens malévolas. O que tais objeções e maledicências sobre o café e sobre o islamismo podem nos mostrar é a forma como os ingleses se comportavam em suas relações com os muçulmanos/estrangeiros. Em outras palavras, o café, essa “bebida islâmica importada”, colocava “aquele distante Império Otomano direto na porta da Inglaterra cristã, criando uma fronteira cultural comum virtual entre as duas civilizações” (Pierce, 2016, p. 56). Alguns demonstravam mais rapidamente disposição para interações interculturais. Outros se recusavam absolutamente.

Aqueles que se opunham abertamente à adoção da bebida na Inglaterra apelavam, não raramente, para argumentos que apontavam a degradação moral que o produto turco causaria nessa sociedade europeia, como a ameaça à masculinidade. Contudo, que tipo de relação se operava entre a bebida e a emasculação dos ingleses? De início, não é demais lembrar que a imagem afeminada dos turcos era frequentemente evocada entre os europeus. Há muito que a literatura e as representações inglesas e continentais apontavam os vícios sexuais no Império Otomano, e a presença alastrada de relações homoeróticas nesta região.

Isso posto, é preciso ressaltar a forma como os ingleses retratavam as relações sexuais entre homens. De acordo com Mary Pierce, tais relações “não eram percebidas como parte da constituição natural dos homens ingleses” (2016, p. 62), mas sim associadas a comportamentos estrangeiros, como aqueles que tinham lugar no sul da Europa e, certamente, na sociedade turca. Desse modo, os detratores do consumo de café viam na bebida uma ameaça às “normas patriarcais da masculinidade inglesa” (Pierce, 2016, p. 63), e não pouparam esforços no sentido de mobilizar imagens e argumentos correntes sobre a sodomia entre os turcos, sua efeminação, e o quanto isso poderia afetar os homens ingleses.

A par da discussão sobre a possível ameaça à masculinidade inglesa, abordada por Pierce, devemos nos perguntar o quanto esse debate influenciou na circulação de café na Inglaterra no século XVII. Como pudemos notar, havia três grandes grupos afeitos ao consumo de café: os virtuosos, os viajantes, e os eruditos – que englobavam nomes de distintas áreas científicas. Os primeiros, sem dúvida, tiveram papel importante nesse processo de incorporação da nova bebida

na sociedade inglesa. Foram eles que “apoiaram o uso da nova mercadoria, mesmo quando as suas propriedades médicas foram postas à prova por ditames neoparacelsistas contra o uso de drogas exóticas” (Cowan, 2005, p. 14),⁸ e estimularam o interesse inicial pelo comércio do café. Para Brian Cowan, a “cultura do café começou com os virtuosos e rapidamente se tornou parte integral da vida urbana” (2005, p. 2-3).

Os viajantes também tiveram função destacada nesse cenário. Como personagens que podiam testemunhar a vida cotidiana nas sociedades estrangeiras, esses homens – mas também algumas mulheres – publicavam rapidamente seus relatos de viagem, incitando a imaginação dos europeus. Desse modo, não somente os viajantes tinham a oportunidade de conhecer melhor esses povos distantes, como podiam compartilhar suas descobertas e fantasias por meio de seus textos. Para Cowan, os “viajantes virtuosos” e, ainda mais, os “leitores virtuosos” foram os primeiros a aprender sobre a nova bebida, a escrever sobre ela, e a consumi-la (2005, p. 14). Não sem razão, as cafeterias seriam espaços de frequentes conversas sobre terras estrangeiras. E os viajantes, por sua vez, seriam citados pelos defensores da bebida, a fim de ressaltar os benefícios de seu consumo (Pierce, 2015, p. 142).

Por fim, o último grupo a se empenhar decisivamente na adoção do novo produto foram os eruditos. Desde o início, as cafeterias se mostraram um espaço privilegiado para os debates sobre o “novo método experimental” (Shaw, 2006, p. 6). E, ainda que as mudanças não fossem necessariamente adotadas de forma ampla pela classe médica treinada em universidades, essas lojas abrigavam com frequência médicos e discussões médicas.⁹ O já citado Samuel Pepys, um assíduo frequentador destes espaços, afirmava que, em novembro de 1663, ouvira um longo e “apaixonado discurso entre dois doutores e alguns boticários” ao passar perto de uma cafeteria (Cowan, 2005, p. 107).

Outro termômetro para mensurar a expansão do consumo de café nas terapias de cura é a presença desse ingrediente nas prescrições médicas. Como já se notou aqui, o café foi conhecido inicialmente por suas propriedades curativas, a ponto de ser chamado pela Companhia das Índias Orientais como “aquele remédio” (Porter, Teich, 1995, p. 30). Desse modo, percebe-se que na Inglaterra o café se tornou “amplamente prescrito pelos doutores, muitos dos quais o viam como um antídoto bem-vindo ao alcoolismo” (Porter, Teich, 1995, p. 30-31). Sobre isso, haveria o caso do celebrado cientista Robert Hooke (1635-1703). Alcoolicamente abstêmio, ele teria se utilizado do café como “uma alternativa à bebida alcoólica” (Chapman, 2005, p. 112).

Uma última peça a compor esse quadro de forças a estimular o consumo de café era a própria economia. Com o aumento da popularidade da bebida, as autoridades inglesas foram ágeis em conceder licença às cafeterias em 1663, e a impor uma alta taxa sobre o “galão de café vendido” (Porter, Teich, 1995, p. 37). Para se tornar popular, contudo, era necessário que a equação entre oferta e demanda do produto fosse resolvida. Dilema que estava diretamente relacionado ao maior abastecimento dos carregamentos marítimos.

8 Os paracelsistas ingleses foram comparados à economia mercantilista por Brian Cowan, pois mantinham discursos “protecionistas” durante o século XVII e que persistiram pelo século XVIII. Tal postura, contudo, foi ineficaz em evitar o “rápido aumento da popularidade de novas drogas exóticas como café, chá e tabaco” (Cowan, 2005, p. 36).

9 De maneira resumida, a medicina do século XVII na Inglaterra testemunhava uma tensão entre os médicos defensores da teoria hipocrático-galênica, e aqueles que se mostravam receptivos à nova filosofia natural e ao uso de novas drogas. Sobre isso, ver Cook, in: French, Wear (1989, p. 246-271).

Se no século XVII os preços do café na Inglaterra, e na Europa como um todo, estavam sujeitos a grandes flutuações – o que pesava negativamente no seu processo de disseminação –, no século seguinte a situação parecia mais estável. A queda no valor da bebida no início do século XVIII contribuía para sua popularidade, dado o aumento dos locais de produção para além de Moka, na península Arábica, como escreveu Fernand Braudel (1995, p. 231). E isso pode ser atestado pela quantidade de casas de café. Apesar da ausência de números mais precisos, uma estimativa razoável é que somente a cidade de Londres abrigasse entre quatrocentas e quinhentas cafeterias no século XVIII; um número expressivo se considerarmos que a cidade possuía cerca de meio milhão de habitantes (Ellis, 2016, p. xxix).

Diante desse breve cenário analisado, podemos sustentar algumas conclusões gerais. Os problemas socioculturais sobre o consumo do café, abordados em algumas das publicações aqui mencionadas, expressavam a posição de certos grupos da sociedade inglesa, e não podem ser tomados como representativos da sociedade como um todo. Esse desconforto acerca do uso do café parecia mais intimamente relacionado às ansiedades de uma parcela dos homens ingleses, que enxergara na bebida uma possível ameaça à sua masculinidade e ao seu papel social e familiar.

Já os preconceitos em relação aos muçulmanos – em particular direcionados aos turcos – desfrutavam de uma longa presença na literatura e no pensamento europeu, e certamente foram usados para moldar toda a sorte de argumentos por aqueles que se opunham à bebida. Contudo, dentro desse processo de expansão do comércio mundial, em que se notava um aumento da receptividade das mercadorias orientais na Europa e o influxo nos ganhos do governo inglês sobre taxaço dos produtos, o café pavimentou seu lugar na vida social inglesa. Já não era possível ignorar essa “mercadoria real”, que se tornava um meio de fazer fortuna, como afirmou Fernand Braudel (1995, p. 231).¹⁰ Não sem razão, seria possível encontrar elogios ao café, como num poema de 1674. Após afirmar sobre os transtornos que a bebida alcoólica causara, seu autor continuava:

Então, o Céu em Piedade, para efetuar nossa cura,
E interromper as fúrias daquela quentura,
Enviou pela primeira vez entre nós este curativo grão
Para, de uma só vez, nos trazer sobriedade e diversão.¹¹

Referências bibliográficas

BACON, F. *Sylva sylvarum, or, a natural history in ten centuries*. The ninth and last edition. London: Printed by J. R. for William Lee, 1670.

10 O historiador francês defende que no século XVIII um “mercado virtual de 300 milhões de pessoas”, ou talvez um terço da humanidade, bebia café. Sobre isso, ver Braudel (1995, p. 231).

11 Tradução livre dos versos “Then Heaven in Pity, to Effect our Cure, / And stop the Ragings of that Calenture, / First sent amongst us this All-healing-Berry, / At once to make us both Sober and Merry”. “A Brief Description of the Excelente Vertues of that Sober and Wholesome Drink, called Coffee” apud Ellis (2017, p. 127).

- BEN-ZAKEN, A. *Reading Hayy Ibn-Yaqqān: a cross-cultural history of autodidacticism*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2011.
- BEVILACQUA, A.; PFEIFER, H. Turquerie: culture in motion, 1650-1750. *Past and Present*, n. 221, p. 75-118, Nov. 2013.
- BIDDULPH, W. *The travels of certaine Englishmen into Africa, Asia, Troy, Bythinia, Thracia, and to the Blacke Sea*. London: Printed by Th. Haeland, 1609.
- BIRCH, T. *The history of the Royal Society of London for Improving of Natural Knowledge*. v. II. London: Printed for A. Millar in the Strand, 1756.
- BLOUNT, H. *A voyage into the Levant*. The second edition. London: Printed by I. L. for Andrew Crooke, 1636.
- BRAUDEL, F. *Civilização material, economia e capitalismo*. v. 1. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- CARNEIRO, H. *Comida e sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- CHAPMAN, A. *England's Leonardo: Robert Hooke and the seventeenth-century Scientific Revolution*. Bristol: Institute of Physics Publishing, 2005.
- CLERY, E. J. *The feminization debate in eighteenth-century England: literature, commerce and luxury*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.
- COWAN, B. *The social life of coffee: the emergence of the British coffeehouse*. New Haven/London: Yale University Press, 2005.
- ELLIS, M. Pasqua Rosee's coffee-house, 1652-1666. *The London Journal: A Review of Metropolitan Society Past and Present*, v. 29, n. 1, p. 1-24, 2004.
- ELLIS, M. *The coffee-house: a cultural history*. London: Phoenix, 2005.
- ELLIS, M. An introduction to the coffee-house: a discursive model. *Language & Communication*, v. 28, p. 156-164, 2008.
- ELLIS, M. (ed.). *Eighteenth-century coffee-house culture: Restoration satire*. New York/Abingdon: Routledge, 2016.
- ELLIS, M. (ed.). *Eighteenth-century coffee-house culture*. London/New York: Routledge, 2017.
- FRENCH, R. K.; WEAR, A. (ed.). *The medical revolution of the seventeenth century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- HABERMAS, J. *The structural transformation of the public sphere: an inquiry into a category of bourgeois society*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology Press, 1991.
- HOUGHTON, J., F.R.S. *A discourse of coffee*, read at a meeting of the Royal Society. London: Philosophical Transactions, 1699.
- JACOB, H. E. *Coffee: the epic of a commodity*. Translated by Eden and Cesar Paul. Short Hills, NJ: Burford, [1935] 1998.
- MARTINS, A. L. *História do café*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- MARTINS, R. A. Robert Hooke e a pesquisa microscópica dos seres vivos. *Filosofia e História da Biologia*, v. 6, n. 1, p. 105-142, 2011.
- MARTINS, L. A.-C. P.; SILVA, P. J. C.; MUTARELLI, S. R. K. A teoria dos temperamentos: do 'corpus hippocraticum' ao século XIX. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, v. 14, 2008.
- MEYER, E. R. Turquerie and eighteenth-century music. *Eighteenth-Century Studies*, v. 7, n. 4, p. 474-488, 1974.
- MIRKOVIC, A. *From courtly curiosity to revolutionary refreshment: Turkish coffee and English politics in the*

- seventeenth century. Thesis of Masters of Arts (History) – University of South Florida, Tampa, 2005.
- PIERCE, M. L. *Controversy in seventeenth-century English coffeehouses*: transcultural interactions with an Oriental import. PhD Dissertation (History) – University of Arizona, Tucson, 2015.
- PIERCE, M. L. Coffee made cuckolds and eunuchs: interaction with an Ottoman drink in seventeenth-century English society. *Food Studies: An Interdisciplinary Journal*, v. 6, n. 1, p. 53-65, 2016.
- PINCUS, S. “Coffee politicians does create”: Coffeehouses and Restoration political culture. *The Journal of Modern History*, v. 67, n. 4, p. 807-834, 1995.
- PORTER, R.; TEICH, M. (ed.). *Drugs and narcotics in history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- RUMSEY, W. *Organon salutis*: an instrument to cleanse the stomach, as also divers new experiments of the virtue of tobacco and coffee. 3rd. edition. London: Printed for S. Speed, 1664.
- SANDYS, G. *A Relation of a Journey begun An. Dom. 1610*. Foure Bookes. Containing a description of the Turkish Empire, of Ægypt, of the Holy Land, of the remote parts of Italy, and ilands adjoining. London: Printed for W. Barrett, 1615.
- SHAW, J. *Miracles in Enlightenment England*. New Haven/London: Yale University Press, 2006.
- SOARES, M. O. *O harém ao rés do chão*: imaginário europeu e representações médicas sobre o lugar-segre-do, 1599-1791. São Bernardo do Campo: EdUFABC, 2017.
- SOYKUT, M. *Image of the “Turk” in Italy*: a history of the “Other” in Early Modern Europe, 1453-1683. Berlin: Klaus Schwarz, 2001.
- STARKEY, J. *The Scottish Enlightenment abroad*: the Russells of Braidshaw in Aleppo and on the Coast of Coromandel. Leiden/Boston: Brill, 2018.
- THE MENS ANSWER *to the Womens Petition against Coffee*. Vindicating their own Performances and the Virtues of their Liquor from the underserved aspersions lately cast upon them in their Scandalous Pamphlet. London: Printed in the year 1674. Disponível em: <https://quod.lib.umich.edu/e/eebo2/A50621.0001.001/1?rgn=div1;view=fulltext>. Acesso em: 8 mar. 2022.
- THE WOMEN’S PETITION *against Coffee*. Representing to Publick Consideration the Grand Inconveniencies accruing to their sex from the Excessive Use of that Drying, Enfeebling Liquor. London: Printed 1674. Disponível em: <https://quod.lib.umich.edu/e/eebo/A66888.0001.001?rgn=main;view=fulltext>. Acesso em: 8 mar. 2022.
- TOLAN, J. V. *Saracens*: Islam in the Medieval European imagination. New York: Columbia University Press, 2002.
- TOPIK, S. Coffee as a social drug. *Cultural Critique*, n. 71, p. 81-106, 2009.
- UNGER, R. Samuel Pepys and the decline of brewing in the late seventeenth century. *Brewery History*, n. 162, p. 66-75, 2015.
- WILLIS, T. *Pharmaceutice Rationalis, sive Diatriba de Medicamentorum Operationibus in humano Corpore*. Hagæ-Comitis, ex officinâ Arnoldi Leers, Bibliopolæ, 1675.

Recebido em outubro de 2021

Aceito em fevereiro de 2022